

**Representações sociais de corpo entre estudantes e suas relações
com a participação nas aulas de Educação Física**

Larissa de Oliveira Martins

LARISSA DE OLIVEIRA MARTINS

**Representações sociais do corpo entre estudantes e suas relações com a
participação nas aulas de Educação Física**

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de
Licenciatura em Educação Física da
Faculdade de Ciências junto à
Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” - Campus
de Bauru.

Bauru
2025

M386r Martins, Larissa De Oliveira
Representações sociais de corpo entre estudantes e suas
relações com a participação nas aulas de Educação Física.
/ Larissa De Oliveira Martins. -- Bauru, 2025
39 p.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura -
Educação Física) - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru
Orientadora: Lilian Aparecida Ferreira

1. Percepção social. I. Título.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos.

Aos meus pais, por nunca terem medido esforços para me proporcionar um ensino de qualidade durante todo o meu período escolar.

A minha orientadora, que conduziu o trabalho com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar todo o seu vasto conhecimento.

A minha irmã, pelo companheirismo, pela cumplicidade e pelo apoio em todos os momentos delicados da minha vida.

Aos meus amigos e familiares, por todo o apoio e pela ajuda, que muito contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender de que forma as representações sociais de corpo influenciam a participação dos estudantes nas aulas de Educação Física. A abordagem metodológica adotada foi a qualitativa, de caráter exploratório, utilizando entrevistas semiestruturadas como técnica de coleta de dados. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública do município de Bauru (SP), com 16 alunos dos 8º e 9º anos dos anos finais do ensino fundamental. As respostas nos permitiram identificar três categorias de análise: 1) Participação e autopercepção corporal; 2) Influência da mídia nas representações de corpo; 3) Corpo, autoestima e o papel da Educação Física. De um modo geral, muitos alunos, especialmente as meninas, sentem vergonha ou insegurança em participar das aulas por não se sentirem adequados aos padrões de corpo valorizados socialmente. Constatamos que a mídia exerce forte influência na construção dessas representações sociais, reforçando estereótipos que impactam a autoestima e o comportamento dos estudantes. O professor de Educação Física desempenha papel fundamental na promoção de práticas inclusivas que valorizem a diversidade corporal e contribuam para a formação crítica e autônoma dos alunos.

Palavras-chave: Corpo. Representações sociais. Educação Física escolar. Mídia. Participação.

ABSTRACT

This study aims to understand how social representations of the body influence student participation in Physical Education classes. The methodological approach adopted was qualitative and exploratory, using semi-structured interviews as a data collection technique. The research was conducted at a public school in the city of Bauru, São Paulo, with 16 students in the 8th and 9th grades of their final years of elementary school. The responses allowed us to identify three categories of analysis: 1) Participation and body self-perception; 2) Media influence on body representations; 3) Body, self-esteem, and the role of Physical Education. Generally speaking, many students, especially girls, feel embarrassed or insecure about participating in classes because they do not feel they fit into socially valued body standards. We found that the media strongly influences the construction of these social representations, reinforcing stereotypes that impact students' self-esteem and behavior. Physical Education teachers play a fundamental role in promoting inclusive practices that value body diversity and contribute to students' critical and autonomous development.

Keywords: Body. Social representations. School Physical Education. Media. Participation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO CORPO: FUNDAMENTOS E CONSTRUÇÃO HISTÓRICA	9
1.1 Conceitos iniciais de representação social.....	9
1.2 Corpo como construção social e cultural.....	10
CAPÍTULO 2 – REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO CORPO NO CONTEXTO ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM A NÃO PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	14
2.1 Diversidade corporal e construção de identidades: relações com a escola e as aulas de Educação Física	14
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	18
3.1 Tipo de pesquisa e participantes.....	18
3.2 Técnica de coleta de dados	19
3.3 Formas de análise dos dados.....	21
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	23
4.1 Participação nas aulas de Educação Física.....	23
4.2 Representações sociais do corpo e suas implicações	25
4.3 Corpo, autoestima e respeito como temas educativos.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE A – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)	38

INTRODUÇÃO

O problema central da pesquisa parte das minhas observações nos estágios realizados na escola ao longo do curso de Educação Física. Em tais observações notei que muitos estudantes (se mostravam com vergonha, resistência ou desinteresse em participar das aulas de Educação Física.

Essas atitudes podem estar relacionadas às representações sociais de corpo que, na sociedade atual, recebe bastante influência da mídia com as divulgações de padrões estéticos socialmente valorizados.

Por esse motivo, esta pesquisa se debruçou sobre as representações sociais de corpo entre os estudantes do ensino fundamental de uma escola de pública do município de Bauru, no ano de 2025, tendo como objetivo compreender de que forma as representações sociais influenciam ou não a participação dos estudantes durante as aulas de Educação Física.

Podemos definir o problema de pesquisa através dessa pergunta: De que maneira as representações sociais de corpo influenciam a participação dos estudantes nas aulas de Educação Física?

A justificativa para a escolha desse tema se deu pela necessidade de tentar compreender como as representações sociais de corpo tem influência sobre o comportamento e a participação dos estudantes nas aulas de Educação Física, pois é notório que na etapa escolar do Ensino Fundamental Anos Finais há resistência e insegurança maior em realizar atividades corporais diante dos colegas. Os modelos estéticos, segundo Camargo, Goetz e Bousfield (2011), tendem a influenciar mais as atitudes diante das práticas corporais e, por isso, muitas vezes o estudante sente vergonha, evitando determinadas atividades, o que pode ter relação com o modo como percebem e valorizam os corpos.

Atualmente com a forte presença da mídia e da valorização de padrões estéticos inatingíveis, os jovens acabam internalizando esses modelos corporais que interferem diretamente na autoestima e na forma como se relacionam com as práticas corporais. Alguns estudos e pesquisas indicam que a exposição e acesso constante a imagens idealizadas, com corpos ideais, reforça comparações sociais negativas e sentimentos de inadequação, sobretudo entre adolescentes (Lira, Ganen e Alvarenga, 2017). Isso pode influenciar o ambiente escolar, havendo a necessidade de que o professor de Educação Física compreenda essas influências para promover aulas mais inclusivas e acolhedoras.

Assim, investigar as representações sociais de corpo entre os alunos pode ampliar o olhar pedagógico sobre a Educação Física escolar, contribuindo para que sejam pensadas e realizadas práticas corporais mais inclusivas e que despertem a formação crítica dos alunos.

Nosso estudo, tem relevância tanto social quanto educacional, pois busca compreender fenômenos que estão diretamente relacionados aos processos de ensino e aprendizagem no contexto escolar na relação com a sociedade em que vivemos.

O presente trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, abordamos uma fundamentação teórica com os principais conceitos relacionados às representações sociais, ao corpo e à influência da mídia na construção das identidades corporais.

O segundo capítulo discute aspectos relacionados à Educação Física escolar e sua relação com a percepção corporal dos alunos, destacando o papel do professor na valorização da diversidade e na promoção da inclusão nas práticas corporais.

No terceiro capítulo descrevemos a metodologia utilizada na pesquisa, apontando o tipo de abordagem, os participantes, o instrumento de coletas de dados e o método de análise adotado.

No quarto capítulo apresentamos os resultados e a análise das entrevistas, evidenciando as percepções e significados atribuídos pelos estudantes ao corpo e à participação nas aulas de Educação Física.

Encerramos este texto com as considerações finais, nas quais são discutidas as reflexões, contribuições e limites do estudo, bem como, caminhos possíveis para futuras pesquisas sobre o tema.

CAPÍTULO 1

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE CORPO: FUNDAMENTOS E CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

No mundo contemporâneo algumas temáticas são consideradas comuns, pois estão presentes e inseridas na sociedade diariamente, conscientemente ou inconscientemente. Porém é importante refletir se isso sempre aconteceu dessa maneira ou se teve um longo processo durante a história para que chegasse como está nos dias de hoje. A temática que terá enfoque neste capítulo é a representação social de corpo na atualidade, a qual passou por longas mudanças em seu significado ao longo da história. O corpo, foi compreendido sob diversas perspectivas religiosas, morais e biológicas, também passou a ser um produto cultural e social, carregado de significados simbólicos que variam conforme o tempo e o contexto histórico. Segundo Silva (2018), o corpo é uma construção simbólica que reflete valores, crenças e normas de cada sociedade, sendo, portanto, um espelho das transformações históricas e culturais.

1.1 Conceitos iniciais de representação social

Um dos primeiros conceitos que surgiram com essa temática foi na sociologia com Émile Durkheim (de acordo com Câmara, Silva, Gomes, 2004,) com a representação coletiva, ou seja: “[...] as regras que comandam a vida individual não são as mesmas que regem a vida coletiva”. Segundo Câmara, Silva e Gomes (2004), os fenômenos coletivos não podem ser explicados em termos de indivíduo, que não pode inventar uma língua ou uma religião. Tais fenômenos são produto de uma comunidade, ou de um povo.

De acordo com Santana, Chamon e Camarini (2025), a expressão “representações sociais” passou a designar fenômenos múltiplos, observados e estudados em termos de complexidades individuais e coletivas.

Conforme a sociedade foi evoluindo e a ciência adquirindo novos métodos e saberes, o conceito das representações sociais teve uma ressignificação, passando a ter um olhar para o indivíduo como ser social e racional, com isso houve uma mudança de enfoque que saiu da sociologia para gravitar na psicologia social. De

acordo com Almeida, Santos e Trindade (2000), trata-se de um modo de pensar a realidade cotidiana como uma forma de conhecer a atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação às situações, aos eventos, aos objetos e às comunicações que lhes concernem.

Segundo Leal Aderaldo, Aquino e Severino (2020), a representação social está relacionada à cultura moderna, com rápida disseminação e com pouca duração. Trata-se de uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos, tendo na sua análise a interação do indivíduo em um grupo coletivo e sua relevância como um ser social e racional.

1.2 Corpo como construção social e cultural

Para Camargo, Justo e Bergue (2011), as representações sociais podem afetar e influenciar diversos eixos da sociedade, como por exemplo os nossos corpos. Na verdade, podemos dizer que os nossos corpos são construídos e constituídos a partir dessas representações, em uma unidade psicossomática, que pode ser desconstruída e reconstruída de maneira indefinida. Isso tem relação com a forma como cada um usa, percebe, modifica ou transforma seu corpo.

Um exemplo desse movimento pode ser a questão da temporalidade biológica que diz respeito a tentativa de retardar o envelhecimento ou de completar a falta de tempo pela renovação do aspecto físico corporal. Segundo Silva, Camargo e Schlosser (2021), as pessoas procuram mudanças constantes em busca de reconstruir e então chegar a um corpo ideal esteticamente e, em casos extremos, essa busca se torna incessante.

Partindo do princípio das representações sociais que já abordamos anteriormente, Dutra, Gonçalves e Cunha (2021), enfatizam a importância do estudo do corpo a partir dessa perspectiva, pois esta assume um papel importante na elaboração de maneiras coletivas de ver e viver o corpo, difundindo modelos de pensamento e de comportamento a ele relacionados. Nesse sentido, ele afirma que a imagem externa do corpo aparece como um mediador do lugar social onde o indivíduo está inserido. Além disso, a autora descreve o corpo também como mediador do conhecimento de si e do outro, que se estabelece a partir das relações com o outro.

Segundo Sander (2011), o corpo é visto através de suas ações, performances, experiências sensoriais, fragmentos orgânicos, que alimentam noções de um corpo literal e único na arte contemporânea. Esse pensamento foi desenvolvido e elaborado para se contrapor ao corpo idealizado expresso no nu, mostrando que a concepção de corpo na cultura ocidental está ligada à questão da imagem e representação.

No século XX, mais especificamente nas décadas de 1960 e 1970 se afirma uma nova ideologia trazendo um corpo autêntico e libertário, construindo uma imagem de um corpo puro centrado nas experiências físicas e cotidianas. Segundo Campos, Cecílio e Penaforte (2016), o corpo que vem para a cena, passa a ser a moldura e a vitrine para um novo estar no mundo. Tal corpo tem um significado cultural e serve como confirmação de hierarquias sociais.

Entrando nos fragmentos da história e suas relações com os corpos, podemos dizer que na antiguidade o corpo era sinônimo de posses, riqueza ou até mesmo detenção de bens. De acordo com Vigarello (2003), um corpo mais “cheinho” ou o corpo “robusto”, era visto como um sinal de muita riqueza, pois representavam abundância de alimento. Outra concepção sobre o corpo agora na aristocracia europeia, revelava um corpo com pele pálida e adornado com roupas luxuosas. Enquanto os trabalhadores manuais tinham corpos marcados pelo esforço físico e pela exposição ao sol.

Nesse sentido vamos percebendo uma distância bastante acentuada na forma como o corpo vai sendo visto no século XX e XXI. Essa distância vai ficar ainda mais evidente quando chegarmos na atualidade.

Segundo Castro, Filho et al. (2011), no início do século XXI a ornamentação do corpo é vista pela forma como a pessoa o constrói, por meio de dietas, plásticas, entre outros exercícios específicos para atingir a “boa” forma que se deseja adquirir, utilizando de tratamentos de pele de última geração, o cuidado com os cabelos e o recurso das tinturas, permanentes; entre outras tantas técnicas utilizadas em prol da beleza.

É necessário entender que essa busca por um modelo de corpo acaba sendo imposta pela sociedade, influenciado pela cultura, pelos grupos sociais que representam tal cultura, ocorrendo um processo de personificação e ritualização pelo comportamento social, Segundo Silva et al. (2020), o modelo de corpo vai ficar cada vez mais influenciado pelo grupo no qual está inserido de acordo com a cultura que

esse grupo possui, porém, na sociedade alguns modelos de corpos acabam sendo evidenciados para posteriormente se tornarem padrão, sendo buscados e desejados por todos .

Na atualidade, Dourado, Fustinoni, Schirmer e Brandão-Souza (2018) dizem que o corpo torna-se território para onde são deslocadas e realojadas relações, instâncias da vida cotidiana e manifestações de discursos artísticos e científicos. É nesse novo território denominado corpo que muitas das representações, rituais e instâncias míticas do *ethos* urbano contemporâneo alocam-se e manifestam-se.

O conhecimento necessário sobre o corpo e suas dimensões (biológicas, políticas, artísticas) só pode ser atingido se considerarmos o corpo contemporâneo e a representação imagética de seu significado como um produto da cultura contemporânea. Segundo Goellner (2015), a cultura é a grande teia que nos envolve nos universos simbólicos representativos que, para muitos, parecem naturais. Portanto, as relações entre o corpo (sua imagem) e a cultura contemporânea, correspondem a uma marca cultural sobre o corpo em sua porção estética e ideológica.

Os conceitos de progresso, de futuro e de recusa ao passado na modernidade eram preponderantes na formação de estruturas sociais e na cultura. No entanto, Picelli (2018), observa na pós-modernidade, elementos de tempos históricos, culturas e valores diferentes se mesclam e organizam (ou desorganizam) como novas formas de se conceber e viver o presente. Neste movimento, observamos referenciais estéticos que mesclando “tudo ao mesmo tempo agora”, tornam-se a expressão de moda e um dos mais representativos sinais do deslocamento dos referenciais, hierarquias e valores sociais que promovem a ambivalência.

Trazendo para a nossa realidade, Lira, Ganen e Alvarenga (2017) dizem sobre como o modelo de corpo é imposto pelas mídias, as redes sociais, os grupos sociais em que estão inseridos, valorizando um padrão de corpo que se torna evidente na sociedade. Para muitas mulheres, o modelo de corpo ideal é de uma mulher branca, alta, magra, com cabelo longo, de preferência longo, olho claro, com seios e glúteos bem valorizados. O corpo masculino, por sua vez, vai ter como referencial uma estrutura física com músculos definidos, pele clara, estatura alta, cabelo loiro e olhos claros.

No primeiro capítulo foi apresentada uma análise sobre a construção histórica e social das representações do corpo, mostrando como, ao longo do tempo, diferentes culturas e períodos históricos atribuem diversos significados ao corpo humano. No início ligado à religião e à moral, o corpo passou a ser visto como produto cultural, sendo influenciado por fatores sociais, econômicos e midiáticos. O capítulo mostra que o corpo é também uma construção simbólica, no qual possui valores, ideologias e hierarquias sociais. Nos dias de hoje, o corpo torna-se um território de expressão identitária e estética, fortemente influenciado pelos padrões impostos pela mídia e pela busca constante por um padrão de beleza ideal. Torna evidente a influência das representações sociais na forma como as pessoas veem e se relacionam com o próprio corpo.

Já o segundo capítulo abordará as representações sociais do corpo no contexto escolar e qual a sua relação com a participação dos estudantes nas aulas de Educação Física. Temas como diversidade corporal, construção de identidades, influência da mídia, desafios enfrentados pelos adolescentes neste período de intensas transformações físicas e sociais serão discutidos, abordados e estudados. O capítulo também vai analisar qual o papel da escola e do professor de Educação Física na valorização da diversidade corporal, no incentivo à inclusão e na desconstrução de estereótipos, conforme documentos oficiais como a BNCC e as DCNs orientam e fundamentam.

CAPÍTULO 2

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO CORPO NO CONTEXTO ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM A NÃO PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Trazendo para a escola o assunto das representações sociais e do corpo, vamos explorar neste capítulo algumas características que podem sinalizar para alguns dos motivos relacionados à participação nas aulas de Educação Física, tais como: a diversidade corporal e as cobranças sociais que determinam os padrões corporais.

2.1 Diversidade corporal e construção de identidades: relações com a escola e as aulas de Educação Física

Podemos começar nossas discussões trazendo uma palavra que vem sendo usada bastante na atualidade e que assume diferentes significados: a diversidade. Ela busca alimentar uma perspectiva inclusiva que considera os seres humanos nas suas diferenças, não só pelas suas classes sociais, mas pelo gênero, pela raça/etnia, pela sexualidade, pela capacidade física e até mesmo pelo aspecto visual diz Louro, Neckel e Goellner (2003,).

Os corpos assumem um significado muito além do físico. Fonseca (2012), faz uma afirmação bastante significativa para entendermos o corpo como local de construção de nossa identidade, quando expressa: “a existência é corporal”. Ou seja, podemos dizer que quando dizemos corpo, estamos nos referindo não somente à materialidade biológica que nos constitui, mas a nós mesmos, o que nós somos e gostaríamos de ser.

O corpo se constitui e se forma levando em consideração a cultura na qual ele está inserido. Segundo Soares (2021), estar inserido em uma sociedade significa que o corpo vai sendo educado através de várias instituições como a escola, a religião, a mídia, a medicina, as normas jurídicas, o esporte, o lazer, os projetos sociais, enfim, em todos os espaços de socialização.

Ao pensarmos no termo corpo aparecendo no singular parece que não conseguimos alcançar a sua diversidade e múltiplas formas de se revelar, Goellner (2010), sugere pensar na pluralidade dos “corpos” que nos ajuda a alcançar melhor

essa variedade de possibilidade que são observados nas suas especificidades e singularidades: corpos infantis, jovens, adultos, envelhecidos, brancos, não brancos, pobres, femininos, masculinos, obesos, anoréxicos, saudáveis, doentes, católicos, umbandistas, homossexuais, heterossexuais, com necessidades especiais, atléticos... enfim, corpos múltiplos, ambíguos, inconstantes e diferentes. Por esse motivo, utilizaremos o termo corpos neste capítulo.

Trazer essas distinções resultam de construções culturais plurais, pois cada cultura elabora corpos desejáveis e não desejáveis. Segundo Goldenberg (2005), os desejáveis são aqueles que estão adequados às representações que cada cultura elege como sendo assim. Na nossa sociedade ocidental seriam, por exemplo, os corpos magros, saudáveis, malhados, heterossexuais e jovens. Já os corpos indesejáveis são aqueles vistos como gordo, feio, andrógino, drogado, velho, deficiente, flácido, inapto, lento, gay e tantos outros adjetivos que, ao serem nomeados, não expressam apenas uma diferença mas, sobretudo, uma desigualdade.

Podemos perceber isso presente no âmbito escolar, Segundo Oliveira (2020), situações de desrespeito e humilhação frequentes sobre os corpos acabam sendo motivo para que os alunos não participem das atividades, pois se sentem envergonhados e expostos.

Com o avanço da tecnologia, o precoce acesso às mídias digitais temos um padrão de corpo sendo desejado por todos, e isso pode ter início já na escola, pois acaba tendo uma cobrança social desde cedo sobre as pessoas de como deve ser o seu corpo. Concordamos com Cordeiro (2012), ao afirmar que a falta de debates sobre a questão dos corpos e dos seus padrões, pode acarretar dificuldades em respeitar as diversidades corporais e até mesmo levar ao preconceito.

Os modelos de corpos presentes na sociedade são ensinados e repassados pelos adultos, então são construídas referências de preconceito e de não aceitação do corpo, mas esses pensamentos podem ser modificados. Segundo Goellner (2010), quando na escola os adolescentes participam de debates sobre esse tema e até mesmo conseguem mostrar aos adultos alguns apontamentos negativos presentes em suas falas e pensamentos vão sendo mobilizadas outras formas de pensar e sentir os corpos.

Desta forma, reafirma-se em muitos a sensação de inadaptação, seja pela estética, seja pela saúde, evidenciando o descontentamento com o corpo. Diante

disso, reforça-se a importância de se abordar sobre os corpos e sua diversidade nas escolas.

Segundo Brandi Neto e Campos (2010), é crescente o acesso de telespectadores assíduos à mídia exatamente nas fases mais críticas de formação física e mental, a infância e a adolescência. Isso é preocupante pois logo cedo já adquirem esse pensamento de ter um corpo perfeito perspectivado por influência da mídia acarretando na insatisfação das pessoas com a sua imagem corporal e isso aumenta à medida que a mídia expõe protótipos estéticos, levando a uma compulsão pela aparência perfeita.

Segundo Vargas (2014), o estudo publicado por esses autores demonstra que revistas, televisão, internet e jornais são fortes manipuladores na busca pelo “corpo perfeito”. Cada vez mais essa influência está presente, pois a mídia utiliza métodos de convencimento muito eficazes para influenciar os indivíduos insatisfeitos com sua aparência quanto à construção da imagem corporal, esses métodos de convencimento com o avanço das tecnologias e das mídias tendem a se tornarem cada vez mais convincentes.

Então podemos resumir que a mídia influencia as crianças e os adolescentes a não aceitarem seus corpos ao impor padrões de beleza irreais, Lira, Ganen e Alvarenga (2017), apontam o uso excessivo de imagens editadas com inteligência artificial, *photoshop* e filtros, culto à magreza e ao “corpo perfeito”, hipervalorização da aparência nas redes sociais, representações estereotipadas e excludentes e a publicidade infantil.

Um problema que cada vez mais é encontrado nas escolas, principalmente nas aulas de Educação Física nos últimos anos do Ensino Fundamental (8º e 9º anos), é a falta de participação dos alunos nas aulas, principalmente nas atividades corporais em quadra. Segundo Araújo et al. (2019), em tais turmas, temos alunos entre 13 e 14 anos, meninas e meninos que estão passando pela adolescência. Além disso, ocorrem outras muitas mudanças marcadas pela influência do meio social e cultural no desenvolvimento do adolescente, enfatizando o papel das interações sociais na formação da consciência crítica e na internalização de valores e norma.

De acordo com Jaco e Altmann (2016), é necessário cuidado ao abordar esse assunto nas escolas, mas um componente curricular que tem ligação com esse assunto é a Educação Física que, igualmente, pode sofrer as consequências com

problemas de não participação nas aulas devido a problemas com os corpos. Esse pensamento dos alunos sobre querer obter o modelo de corpo imposto como padrão, pode ser percebido quando nas aulas de Educação Física ao ser abordado o tema saúde, os alunos relacionam ser saudável com a estética, ou seja, o corpo saudável com os corpos padronizados que são mostrados massivamente nos meios de comunicação, ou seja, o corpo do atleta, ator, modelo, naturalizando a ideia de um corpo padrão e de uma busca por esse corpo.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018, p. 213) como uma das habilidades que deveriam ser desenvolvidas junto às aulas de Educação Física: “Reconhecer e respeitar as diferenças e características dos corpos, valorizando a diversidade.” Outro documento normativo da Educação Básica que são as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica – DCNs (Brasil, 2013), o qual, na parte de Educação Física, defende uma formação integral do sujeito, incluindo os aspectos físicos, emocionais e sociais, reconhecendo o corpo como parte do desenvolvimento humano e da identidade e valorizar práticas pedagógicas que respeitem as diferenças corporais e culturais.

Portanto, os professores de Educação Física devem pensar nos seus planejamentos e colocar em prática conteúdos relacionados ao corpo e seus padrões, já que as crianças e os adolescentes têm esse direito garantido através destes documentos. Isso poderia ser uma potente estratégia para tentar evitar a influência das mídias sobre os alunos.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como objetivo identificar as representações sociais de corpo entre estudantes e compreender como essas representações se relacionam com a participação ou a ausência nas aulas de Educação Física. Para atingir esse objetivo, optou-se por uma abordagem qualitativa, uma vez que esta permite explorar as percepções, significados e construções sociais atribuídas ao corpo pelos próprios sujeitos da pesquisa.

A metodologia qualitativa investiga fenômenos ligados às experiências subjetivas dos estudantes, especialmente em contextos escolares, onde questões como autoestima, identidade corporal e pressão social podem influenciar diretamente o engajamento nas práticas corporais. Desse modo, buscou-se compreender como os significados atribuídos ao corpo são construídos socialmente e de que forma esses significados impactam a participação dos alunos nas aulas de Educação Física.

3.1 Tipo de pesquisa e participantes

A pesquisa qualitativa é um estudo que aprofunda fenômenos sociais, culturais e humanos, buscando entender significados, percepções, experiências e contextos nos quais os sujeitos estão inseridos, por isso será abordagem que orientará essa investigação.

Dentro da abordagem qualitativa, nosso estudo assume o caráter exploratório. Segundo Costa e Mattos (2020), a abordagem exploratória visa levantar aspectos ainda pouco investigados sobre o tema, no nosso caso, relacionada à compreensão das representações sociais de corpo entre os estudantes.

Os participantes da pesquisa foram estudantes, tendo sido escolhidas duas turmas dos anos finais do ensino fundamental, uma do 8º ano e uma do 9º ano, constituindo 16 pessoas. Estas foram selecionadas de forma intencional, levando-se em consideração os seguintes critérios: gênero, ano escolar e frequência nas aulas de Educação Física. As características do grupo pesquisado podem ser identificadas no Quadro 1. Todos esses estudantes aceitaram participar das entrevistas e assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1).

Quadro 1: Participantes do estudo

Nome fictício	Gênero	Ano escolar
Fátima	Feminino	8º ano
Bianca	Feminino	8º ano
Ana	Feminino	8º ano
Bia	Feminino	8º ano
Luiz	Masculino	8º ano
Isaac	Masculino	8º ano
Higor	Masculino	8º ano
Italo	Masculino	8º ano
Lucio	Masculino	9º ano
Caio	Masculino	9º ano
Israel	Masculino	9º ano
Iago	Masculino	9º ano
Clara	Feminino	9º ano
Maria	Feminino	9º ano
Paula	Feminino	9º ano
Luiza	Feminino	9º ano

Fonte: Elaborado pela autora.

O estudo foi realizado em uma escola pública estadual de uma cidade do interior de São Paulo. Tal instituição segue o Currículo Paulista (São Paulo, 2019), e no período da ocorrência desta pesquisa o conteúdo que estava sendo desenvolvido eram os esportes de invasão, especificamente o basquetebol.

A estrutura da escola era muito boa, com várias salas de aula, um refeitório, pátio e uma quadra esportiva grande e coberta, com traves, cestas de basquete e arquibancada. Quanto aos materiais, havia bastante variedade, possibilitando que fossem desenvolvidos diversos conteúdos previstos no currículo.

3.2 Técnica de coleta de dados

Para a coleta de dados foi utilizado um roteiro de perguntas para conduzir as entrevistas que foram realizadas pessoalmente com cada um dos estudantes que aceitaram participar da pesquisa. Optamos pela entrevistas, pois ela pode explorar detalhadamente os aspectos relacionados às representações sobre o corpo e a participação (ou não) nas aulas de Educação Física.

A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas em pesquisas qualitativas. Ela consiste em um processo de interação verbal entre o pesquisador e o participante, com o objetivo de obter informações relevantes para a investigação. Segundo Silva

et al. (2006), a entrevista é um procedimento utilizado para coleta de dados que permite a obtenção de informações diretamente da fonte, possibilitando ao pesquisador compreender não apenas o conteúdo verbal, mas também aspectos subjetivos e emocionais.

As entrevistas aconteceram na escola, durante as aulas de Educação Física, de forma individual e em um local afastado dos outros alunos para que as respostas não fossem influenciadas. As perguntas foram feitas de forma aberta e gravadas através de áudio do celular por parte da pesquisadora.

Foram escolhidos estudantes das turmas de 8º e 9º anos porque, segundo Damasceno, Freitas e Leonardi (2016), a partir desses anos de ensino, a frequência de participação dos alunos das aulas de Educação Física tende a diminuir. A quantidade de alunos foi determinada através da vivência da professora com a turma que escolheu intencionalmente os alunos que, às vezes, não participavam das aulas.

Buscamos com as entrevistas identificar os motivos para a não participação na aula e se as questões sobre corpo influenciavam nisso. Também prestigiamos meninos e meninas com a intenção de ver se tinha diferença entre a participação dos meninos e das meninas nas relações com o corpo poderia ser o motivo para a não participação nas aulas.

Roteiro de perguntas para as entrevistas

- 1- Você participa regularmente das aulas de Educação Física? Por quê
- 2- O que você mais gosta e o que menos gosta nas aulas de Educação Física?
- 3- Você se sente confortável/bem ou desconfortável/mal com o seu corpo? Pode me explicar o motivo da sua resposta?
- 4- Você sente que outras pessoas (colegas, amigos, familiares) comentam sobre o seu corpo? Se sim, como isso te faz sentir?
- 5- O que significa para você “ter um corpo perfeito”? Como esse corpo seria?
- 6- Você costuma se comparar com outras pessoas em relação ao corpo? Se sim, em quais situações?
- 7- Você já viu ou ouviu alguém ser ridicularizado/sofrer bullying/ser excluído das atividades por causa do corpo durante as aulas de Educação Física? Se sim, como foi, nos conte a história? Como você se sentiu vendo isso?

8- Você acha que o tipo de corpo da pessoa influencia no modo como os colegas são tratados nas aulas de Educação Física? Por quê?

9- Alguma vez você já deixou de participar de alguma atividade da Educação Física por não se sentir bem com seu corpo? Se sim, pode contar como foi?

10- Em sua opinião, os meninos ou as meninas se preocupam mais com as opiniões dos outros sobre seu próprio corpo? Por que?

11- O que você acha de haver discussões sobre questões como corpo, autoestima e aceitação nas aulas de Educação Física? Por quê?

3.3 Formas de análise os dados

Por meio da análise de conteúdo, conforme proposta de Farago e Fonseca (2012), a fim de identificar categorias e padrões de sentido nas falas dos estudantes. Essa técnica permite organizar e interpretar os dados qualitativos de forma sistemática.

Para auxiliar na etapa de análise das respostas dos estudantes, foi utilizado o *software TurboScribe*, uma ferramenta de transcrição automática baseada em inteligência artificial. O programa converte arquivos de áudio em texto de forma rápida e precisa, possibilitando a transcrição das entrevistas feitas.

Utilizar o *TurboScribe* facilitou a organização e sistematização das falas dos participantes, facilitando a leitura e a categorização dos dados. Além disso, o software contribuiu para redução do tempo destinado à transcrição dos áudios e minimizar erros humanos, garantindo fidelidade entre o conteúdo gravado e o texto transcrito.

Dessa forma, o *TurboScribe* foi usado como uma ferramenta de apoio metodológico, contribuindo para a agilidade, confiabilidade e precisão na etapa de análise qualitativa dos dados coletados.

Logo após as transcrições, optamos por utilizar o processo de categorização para conseguir fazer a análise de dados, com isso foram geradas três categorias das quais as questões que mais foram exploradas nessas categorias foram: a) Participação nas aulas de Educação Física; b) Representações sociais do corpo e suas implicações; c) Corpo, autoestima, e respeito como tema educativo.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Analizando as respostas dos entrevistados em todas as questões, foi possível identificar três categorias a serem discutidas durante este capítulo. Isso se dará por meio de um diálogo com a literatura composta por autores já apresentados nos capítulos anteriores desse Trabalho de Conclusão de Curso e, por outros acrescentados para essa parte.

As categorias foram:

4.1 Participação nas aulas de Educação Física

4.2 Representações sociais do corpo e suas implicações

4.3 Corpo, autoestima e respeito como tema educativo

Portanto, esse capítulo trata de explicar e aprofundar cada uma dessas categorias.

4.1 Participação nas aulas de Educação Física

Essa categoria busca entender quais são os fatores que influenciam o envolvimento dos alunos nas vivências durante as aulas de Educação Física. Dito que, nessa fase da adolescência, ocorrem muitas transformações físicas, emocionais e sociais (OMS, 2017), com isso muitos estudantes demonstram insegurança e vergonha de expor seus corpos diante dos colegas, interferindo na participação.

Analizando as respostas dos estudantes entrevistados, observou-se que muitos deles afirmam participar das aulas de Educação Física e demonstram gosto pelas atividades, principalmente as vivências.

Contudo, a participação nem sempre ocorre de forma geral, sendo possível perceber diferenças ligadas ao receio com o corpo, ao medo de expor e às representações sociais do corpo que cada aluno internaliza. De acordo com Santos e Campos (2022), às representações sociais são construções coletivas que orientam

comportamentos e percepções, influenciando a forma como os indivíduos compreendem a realidade, neste caso, o corpo e sua expressão nas práticas corporais.

Durante as entrevistas, alunos relataram ter participação ativa nas aulas, enquanto outros indicaram resistência ou vergonha. Segundo os meninos:

Eu participo com frequência das aulas, pois são legais e divertidas. (Entrevistado Caio).

Eu não deixo de participar de nenhuma atividade feita na quadra, pois movimento meu corpo. (Entrevistado Isaac)

Eu nunca deixei de participar de nenhuma aula, acho elas muito boas. (Entrevistado Higor)

Sempre estou participando de todas as atividades das aulas de Educação Física, principalmente as na quadra. (Entrevistado Iago)

Entretanto, em outras falas, percebe-se que essa disposição nem sempre se repete, especialmente entre as meninas:

Às vezes... dependendo da roupa que estou, tenho vergonha de correr e participar das atividades na quadra. (Entrevistada Paula).

Em muitas aulas que tem que correr e pular não gosto de participar, pois parece que todos ficam julgando. (Entrevistada Ana)

Eu prefiro ficar na sala, e nas atividades na quadra não gosto de participar. (Entrevistada Bia)

Não tenho uma participação muito boa nas aulas, pois quase sempre vamos para quadra. (Entrevistada Fátima)

Essas falas mostram que a participação está relacionada não apenas por gostar da disciplina, mas também pela maneira como cada aluno percebe seu corpo e o olhar dos colegas. Da Silva (2025) diz que o corpo é uma construção social e simbólica, e que a forma como ele é visto e sentido depende das normas culturais e das interações sociais. Da mesma forma, Lessa e Romani (2014), falam que a mídia e a cultura contemporânea impõem padrões estéticos inatingíveis, que afetam diretamente a autoestima e a percepção corporal dos jovens, especialmente das meninas.

As falas das meninas demonstram o quanto a autoimagem influencia o comportamento nas aulas de Educação Física. Segundo Porchat (2014), o corpo feminino é socialmente construído sob forte vigilância estética, e as mulheres são mais pressionadas a atender a padrões de beleza idealizados. Isso ajuda a compreender por que as meninas, em geral, apresentam maior resistência à exposição corporal nas aulas de Educação Física que são feitas na quadra.

Por outro lado, nas falas dos meninos entrevistados relataram sentir-se mais confortáveis e engajados nas práticas, feitas na quadra. Esse contraste evidencia o que Ranhel (2019), chama de “divisão simbólica dos corpos”, na qual os meninos associam o corpo à força e à performance, enquanto as meninas o associam à aparência e ao julgamento social. Assim, a Educação Física é o espaço de reprodução das desigualdades de gênero e das representações sociais de corpo.

Portanto, é importante notar que a não participação de alguns estudantes não está ligada apenas à falta de interesse, mas a um conjunto de fatores que envolvem as representações sociais do corpo, reforçando estereótipos e exclusões. Compreender essas dimensões é essencial para que o professor de Educação Física repense nas práticas para que elas se tornem mais inclusivas e dialógicas, que permitam com que todos os estudantes independentemente dos gêneros se sintam à vontade nas aulas práticas.

4.2 Representações sociais do corpo e suas implicações

Essa categoria aborda como as ideias e valores compartilhados socialmente sobre o corpo são reforçados pela mídia e pelos padrões estéticos que influenciam a forma como os estudantes percebem a si mesmos e aos colegas nas aulas de Educação Física. Vão ser analisadas as falas dos alunos que mostram o desejo por corpos considerados “perfeitos”, a associação entre o corpo magro e saúde e a valorização de corpos musculosos, mostrando como as representações sociais influenciam na construção da autoimagem. Também discute as consequências dessas percepções, como o *bullying*, a exclusão e a vergonha corporal, que afetam especialmente as meninas e reduzem a participação nas atividades práticas.

Com as entrevistas realizadas, foi possível entender que as representações sociais do corpo têm forte influência na maneira como os estudantes percebem a si mesmos e aos colegas nas aulas de Educação Física. Essas representações são

formadas pelos valores, crenças e significados compartilhados pela sociedade. Segundo Dutra e Seibt (2025), às representações sociais constituem um modo de compreender e organizar a realidade, transformando conceitos abstratos em ideias concretas que orientam as práticas cotidianas. No caso desta pesquisa, isso é identificado nas falas como “corpo bonito”, “corpo perfeito” e “corpo saudável” que os alunos reproduzem.

Muitos estudantes relacionam a imagem corporal a ideais de beleza que são divulgados pela mídia e pelas redes sociais. Essa influência é presente em falas como a da entrevistada Bianca:

Queria ter um corpo mais malhado, modelado e com coxas mais grossas, assim como as mulheres da TV. (Entrevistada Bianca).

Essa fala expressa um modelo corporal associado à estética, no qual a cultura contemporânea valoriza e que é imposto nas mídias digitais. Segundo Le Breton (citado por Da Silva, 2025), o corpo é uma construção simbólica atravessada por significados culturais, e que a sociedade moderna impõe normas e padrões que determinam o que é considerado belo, saudável ou desejável. Silva et al. (2020) complementa ao afirmar que a busca por esse corpo ideal se tornou uma forma de controle social, especialmente sobre o corpo feminino, que passa a ser medido e comparado segundo padrões estéticos inatingíveis.

Em contrapartida, outros estudantes mostraram compreender o corpo de maneira mais subjetiva e menos atrelada à aparência física:

Pra mim, ter um corpo perfeito é quando você mesmo se aceita. (Entrevistado Israel).

Essa visão está ligada a uma concepção mais próxima do que Nogueira e Di Grillo (2020), define como representação social dinâmica, que se reconstrói a partir das experiências individuais e das relações sociais. Embora ainda seja a minoria, essa perspectiva sugere ressignificar as representações tradicionais do corpo, em que o bem-estar e a aceitação pessoal ganham importância diante da imposição estética.

Entretanto, grande parte dos relatos ainda reproduz a ideia de que o corpo magro e modelado representa saúde e beleza:

Ah, me acho magro e saudável, acho que é um corpo comum, né?
(Entrevistado Luiz).

Às vezes, olho para mim acho que falta musculoso, sou muito seca e magra. (Entrevistada Maria)

Essa associação mostra como a lógica do corpo ideal atravessa o discurso dos jovens, consolidando o que Bertolini (2016), chamou de “biopolítica do corpo”, ou seja, o controle simbólico e moral que a sociedade exerce sobre os corpos por meio de normas e discursos. Isso é intensificado pela mídia, que difunde imagens de corpos perfeitos, moldando o imaginário coletivo e reforçando a exclusão daqueles que não se enquadram nesses padrões.

As implicações dessas representações nas aulas de Educação Física são profundas. Muitos alunos relataram situações de exclusão, preconceito e *bullying*, especialmente nas vivências.

Às vezes eles não escolhem quem é mais devagar ou gordinho pra jogar, e aí a pessoa fica sem participar. (Entrevistado Italo).

Já vi um colega ser zoado porque era gordinho e não conseguia correr. (Entrevistada Clara)

Isso mostra o impacto direto das representações sociais do corpo nas aulas de Educação Física. Como observa Oliveira e Votre (2006), o *bullying* corporal é um reflexo das pressões sociais por adequação estética, sendo um dos principais fatores que comprometem a participação e a autoestima dos estudantes nas aulas de Educação Física. Nesse contexto, o corpo deixa de ser apenas um meio de expressão e movimento para se tornar um espaço de julgamento e comparação.

Bourdieu (citado por Janowski e Medeiros, 2018), destaca que as práticas corporais também são marcadas por desigualdades simbólicas. O “capital corporal”, isto é, a aparência física socialmente valorizada, confere status e reconhecimento dentro dos grupos, o que explica por que alunos com corpos próximos ao padrão tendem a ser mais aceitos e valorizados nas vivências práticas. Já aqueles que destoam do modelo dominante acabam marginalizados, reproduzindo dentro da escola a lógica de exclusão social presente na cultura contemporânea.

Em síntese, a categoria revela que os significados atribuídos ao corpo pelos estudantes estão diretamente relacionados à sociedade e a mídia que influenciam no cotidiano. Esses significados têm impacto no modo como os alunos participam das aulas, se percebem e se relacionam com os outros. Compreender e

problematizar essas representações é fundamental para construir uma Educação Física mais inclusiva, crítica e comprometida com a formação integral dos sujeitos.

4.3 Corpo, autoestima e respeito como temas educativos

Essa categoria analisa as falas dos estudantes entrevistados sobre qual a necessidade de abordar o corpo não apenas como instrumento biológico, mas como expressão da identidade, da diversidade e das emoções. Entender e reconhecer que debater temas como corpo, padrões estéticos e aceitação poderia tornar as aulas de Educação Física mais acolhedoras e inclusivas.

Interpretando as entrevistas, questões relacionadas ao corpo e à autoestima estão diretamente ligadas à forma como os estudantes participam das aulas de Educação Física e se relacionam entre si. As falas dos alunos mostram que a percepção do próprio corpo influencia sentimentos de segurança e motivação. Quando há baixa autoestima ou insatisfação corporal, o envolvimento nas atividades tende a diminuir, especialmente nas práticas que exigem maior exposição corporal.

Segundo Jodelet (2018), as representações sociais não apenas organizam o pensamento coletivo, mas também moldam as emoções e comportamentos individuais. Assim, quando o corpo é representado socialmente como algo que deve atender a padrões estéticos específicos, os estudantes internalizam essas normas e passam a avaliar a si mesmos e aos outros a partir delas. Isso se reflete na fala da entrevistada Bia:

Às vezes não me sinto muito confortável com meu corpo, acho que sou muito magra, e fico com vergonha de participar. (Entrevistada Bia)

Essa fala evidencia o que Le Breton (citado por Da Silva, 2025), chama de “sofrimento simbólico do corpo”, quando a pessoa passa a enxergar sua aparência como algo inadequado diante das expectativas sociais. A vergonha e o constrangimento geram um afastamento das práticas corporais, transformando o espaço da aula em um lugar de insegurança e comparação.

Em contrapartida, alguns alunos demonstraram aceitação e valorização do próprio corpo relataram maior envolvimento e satisfação com as aulas:

Eu gosto de mim mesmo e me sinto bem com meu corpo. Gosto das atividades da Educação Física. (Entrevistado Isaac)

Essa relação positiva com o corpo reflete o que Bertoni (2017), define como a dimensão criativa das representações sociais, na qual o indivíduo é capaz de reinterpretar os significados socialmente impostos e construir novas formas de pensar e agir sobre si. Quando o aluno se sente acolhido e reconhecido, o corpo deixa de ser um motivo de exclusão e passa a ser um meio de expressão e aprendizagem.

A Educação Física assume um papel fundamental. De acordo com a BNCC (Brasil, 2018), o componente curricular deve contribuir para a formação integral dos alunos, promovendo o respeito às diferenças, a valorização da diversidade e o desenvolvimento da autoconfiança. As Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 2013) também reforçam a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam o corpo como parte da identidade e da subjetividade dos sujeitos.

Para que isso ocorra, é essencial que o professor de Educação Física atue como mediador de reflexões e promotor de experiências que favoreçam a autoestima e o respeito mútuo. Le Breton (citado por Da Silva, 2025), destaca que o corpo é o primeiro meio de relação com o mundo e, portanto, é por meio dele que o sujeito aprende a se reconhecer e a se relacionar com o outro. Trabalhar o corpo na escola, então, é trabalhar também o reconhecimento, o cuidado e a empatia.

Nesse sentido, discutir temas como imagem corporal, padrões de beleza e aceitação dentro das aulas torna-se uma prática educativa poderosa. Uma das entrevistadas reconheceu a importância dessas discussões:

Acho bom ter conversas sobre corpo e autoestima nas aulas, porque ajuda a gente a se aceitar e entender que cada um é diferente. (Entrevistado Maria)

Acho que devia ter mais conversas sobre esse tema nas aulas, porque muita gente se sente mal com o próprio corpo e não fala sobre isso. (Entrevistado Isaac)

Seria bom se a gente falasse mais sobre corpo e respeito, porque tem colegas que ainda fazem piadas e não percebem que machucam. (Entrevistado Pedro)

Esses assuntos ajudam a entender que a Educação Física não é só esporte, mas também sobre se aceitar e respeitar os outros. (Entrevistada Camila)

Essas falas refletem a necessidade de incorporar no currículo debates sobre

corpo e autoestima, transformando as aulas em espaços de diálogo e reflexão. Segundo Bourdieu (citado por Janowski e Medeiros 2018), o corpo é também um produto social, e, portanto, desconstruir os significados excludentes atribuídos a ele é um passo essencial para a emancipação dos sujeitos.

Portanto, o trabalho pedagógico da Educação Física vai muito além do ensino motor. É um espaço de formação ética e social, onde o corpo é reconhecido como expressão de identidade e de diversidade. É necessário promover que o respeito e a autoestima significa também resistir às representações sociais que reduzem o corpo a um padrão estético e reafirmar o valor da diferença como princípio educativo. Assim, o professor é agente de transformação, contribuindo para uma Educação Física inclusiva, crítica e sensível às realidades dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos notar que a realização deste trabalho permitiu uma análise de como as representações sociais do corpo tem influência sobre o comportamento dos estudantes durante as aulas de Educação Física.

No decorrer da pesquisa foi possível perceber que o modo como os alunos enxergavam seu corpo estava fortemente ligado a fatores sociais, culturais e principalmente pela influência da mídia, que reforça padrões de beleza, muitas vezes, inatingíveis.

A participação dos alunos nas entrevistas, através de suas falas, mostrou que uma grande parte deles deixavam de participar de aulas de vivências por vergonha, insegurança ou medo do julgamento de colegas.

As entrevistas revelaram diferenças entre meninos e meninas na forma como percebiam e se relacionavam com o próprio corpo. As meninas mostraram maior preocupação com a aparência física, tendo vergonha e se sentindo insegura em relação aos padrões de beleza valorizados na sociedade socialmente. Isso teve impacto diretamente em sua participação nas aulas práticas de Educação Física, pois relataram evitar determinadas atividades por receio do julgamento dos colegas. Já os meninos, em sua maioria, explicitaram mais confiança e menos preocupação com a aparência. Essa diferença evidencia que as representações sociais de corpo afetam de modo desigual os gêneros, reforçando estereótipos e desigualdades culturais que ainda permeiam a sociedade e que invadem as aulas de Educação Física.

Os principais fatores que influenciaram a participação dos alunos nas aulas, especialmente a não participação, foram: vergonha e insegurança corporal, especialmente entre as meninas, comparações com colegas e padrões impostos pela mídia, *bullying* que faziam com que alguns estudantes evitassem as vivências para não serem alvos de críticas e, por fim, a baixa autoestima, associada aos padrões corporais midiaticamente impostos

Isso reforça a necessidade de o professor de Educação Física compreender que o corpo não é um instrumento de movimento, ele é expressão, identidade e história. Portanto, o papel do professor vai além de ensinar técnicas e esportes,

deve proporcionar acolhimento, respeito e valorização do corpo, com práticas pedagógicas que favoreçam as discussões sobre o corpo e padrões de beleza.

É importante entender também que a Educação Física pode e tem que contribuir para desconstruir estereótipos, ajudando os estudantes a construir uma relação melhor com o próprio corpo, promovendo atividades que valorizem o coletivo, o movimento corporal e o respeito às diferenças, tornando as aulas mais inclusivas e significativas.

Através desse estudo, percebemos que trabalhar as representações sociais do corpo dentro da escola é importante para fortalecer a autoestima dos estudantes e ampliar o olhar pedagógico sobre o ensino da Educação Física. Com essa pesquisa esperamos que outros professores e profissionais possam refletir sobre suas práticas e buscarem uma atuação mais humana, crítica e transformadora.

Entre as limitações desta pesquisa, destacamos o número reduzido de participantes (16 estudantes), o que pode restringir a representatividade dos resultados para outras realidades escolares. Além disso, o estudo foi desenvolvido em uma única escola pública, o que limita a diversidade sociocultural do campo investigativo. O uso de entrevistas individuais permitiu aprofundar as percepções, mas não captou as interações em grupo, que também poderiam enriquecer a análise sobre as dinâmicas sociais nas aulas.

Para futuras pesquisas, recomendamos ampliar o número de participantes, incluir diferentes faixas etárias e realizar observações diretas das aulas, o que pode possibilitar compreender melhor as relações entre corpo, gênero e participação nas práticas corporais escolares.

Notamos que o tema ainda tem muitas possibilidades de aprofundamento, especialmente se forem levadas em consideração outras faixas etárias, contextos escolares ou perspectivas pedagógicas. Mesmo assim, o trabalho atingiu seu objetivo ao dar foco em um conteúdo que está presente no cotidiano e que influencia diretamente o modo como os alunos se percebem e se relacionam com o corpo.

A realização deste estudo contribuiu significativamente para minha formação pessoal e profissional. Durante o processo, pude compreender de maneira mais profunda como as questões relacionadas ao corpo e às representações sociais influenciam o cotidiano escolar e impactam diretamente na aprendizagem e no engajamento dos alunos.

Como futura professora de Educação Física, percebo a importância de

promover aulas mais inclusivas, críticas e sensíveis à diversidade corporal, mobilizando a autoestima e o respeito mútuo. Essa experiência reforçou minha visão de que o papel docente vai além do ensino do conteúdo em si, envolvendo o compromisso ético de acolher as diferenças e contribuir para uma formação humana integral.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas. **Temas em Psicologia**, v. 8, n. 3, p. 257–267, 2000.

BERTOLINI, Jeferson. O corpo na esfera da mídia: entre representações sociais e biopoder. **Grau Zero**, v. 4, n. 2, p. 91–108, 2016.

BERTONI, Luci Mara; GALINKIN, Ana Lúcia. Teoria e métodos em representações sociais. In: MORORÓ, Leila Pio; COUTO, Maria Elizabete Souza; ASSIS, Raimunda Alves Moreira (orgs.). **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias**. Ilhéus, BA: Editus, 2017. p. 101-122.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB, 2013.

CÂMARA, M. C. C.; SILVA, S. C. P.; GOMES, J. F. Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. **Paidéia**, v. 14, n. 28, p. 125–137, 2004.

CAMARGO, B. V.; GOETZ, E. R.; BOUSFIELD, A. B. S. Representações sociais do corpo: estética e saúde. **Temas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 257–268, 2011.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M.; BERGUE, L. As funções sociais e as representações sociais em relação ao corpo: uma comparação geracional. **Temas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 269–281, 2011.

CORDEIRO, Aliciene Fusca Machado; BUENDGENS, Jully Fortunato. Preconceitos na escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no ensino médio. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, p. 45–54, 2012.

COSTA, Márcia de Sousa; MATTOS, Luiz Otavio Neves. Representações de escolares sobre as aulas de Educação Física: estudo exploratório. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 61, p. 01-14, 2020.

DA SILVA ARAÚJO, Bárbara Gicélia; TASSITANO, Rafael Miranda; DIAS, Mallu; TENÓRIO, Maria Cecília Marinho. Participação de adolescentes brasileiros nas aulas de Educação Física escolar: revisão sistemática. **Pensar a Prática**, v. 22, p. 2-11, 2019

DA SILVA RANHEL, Natalia Cabral. O corpo feminino como meio de comunicação de padrões estéticos. **Leitura Flutuante**, v. 11, n. 1, p.3-12, 2019.

DAMASCENO, Augusto Lopes; DE FREITAS, Josiane Fujisawa Filus; LEONARDI, Thiago Jose. A motivação na participação dos alunos de 7º e 9º ano nas aulas de Educação Física. **Horizontes**, v. 4, n. 8, p. 171–179, 2016.

DE ASSIS CAMPOS, Maria Teresa; CECÍLIO, Mariana Silva; PENAFORTE, Fernanda Rodrigues. Corpo-vitrine, ser mulher e saúde: produção de sentidos nas capas da Revista Boa Forma. **Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 11, n. 3, p. 611–628, 2016.

De CASTRO, Ana Lúcia de. Health and cosmetics: the medicalization of beauty.

Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, v. 5, n. 4, p. 14-22 (ou p. 14-23), 2011.

DE CASTRO PICELLI, Pedro. Raça, identidade e pós-modernidade em Stuart Hall: contrapontos com o debate de Paul Gilroy. **Intratextos**, v. 9, n. 1, p. 169–187, 2018.

DE OLIVEIRA, Flavia Fernandes; VOTRE, Sebastião Josué. Bullying nas aulas de Educação Física. **Movimento**, v. 12, n. 2, p. 173–197, 2006.

DE OLIVEIRA, Marianne Lira; RODRIGUES, Delbana Pereira; MIRANDA, Cássio Eduardo Soares. Imagem corporal e bullying entre adolescentes: práticas docentes na sala de aula. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 14, n. 86, p. 443–450, 2020.

DOS SANTOS DUTRA, Gisélia; SEIBT, Cezar Luis. Educação Física, representações sociais do corpo na adolescência e o bullying gordofóbico. **Lumen et Virtus**, v. 16, n. 45, p. 1092–1105, 2025.

DOS SANTOS, Elismar Alves; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. As representações sociais como teoria e como prática. **Fragmentos de Cultura**, v. 32, n. 2, p. 181–190, 2022.

DOURADO, Cláudia de Souza et al. Body, culture and meaning. **Journal of Human Growth and Development**, v. 28, n. 2, p. 206–212, 2018.

DUTRA, Alana Ribeiro; GONÇALVES, Angélica da Silva Rangel; CUNHA, Jeysson Ricardo Fernandes da. Integrative review of studies in the field of psychology on the social representations of body image: what academic productions say. **Research, Society and Development**, [S.l.], v. 10, n. 5, p. e50710515139, 2021.

FAGUNDES JACO, Juliana; ALTMANN, Helena. Educação Física escolar e gênero: influências de fora da escola na participação em aulas. **Teoria e Prática**, v. 26, n. 51, 2016.

FARAGO, Cátia Cilene; FONFOCA, Eduardo. A análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações. **Linguasagem**, v. 18, n. 1, 2012.

FONTINELE, Thaís Pinto; DE ARAÚJO COSTA, Márcio José. A normatização do corpo feminino e os modos de subjetivação na contemporaneidade. **Subjetividades**, v. 20, n. 1, 2020.

FONSECA, Angela Couto Machado. Corpo e identidade: corpo como signo da identidade ou o “eu” que pensa o corpo? **Revista da Faculdade de Direito-UFPR, Curitiba**, n. 47, p. 53-70, 2012.

FRANÇA, Kelly Bedin; LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. **Estudos Feministas**, v. 13, n. 1, p. 186–186, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010.

GOELLNER, Silvana Villodre. Corpo: (re)pensando entendimentos, articulações e possibilidades. **Diversidade e Educação**, v. 3, n. 5, p. 4–9, 2015.

GOLDENBERG, Mirian. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicologia Clínica**, v. 17, p. 65–80, 2005.

HEINZELMANN, Fernanda Lyrio et al. A tirania da moda sobre o corpo: submissão versus subversão feminina. **Subjetividades**, v. 14, n. 2, p. 297–305, 2014.

JANOWSKI, Daniele Andrea; DE MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso. Corpo social e capital corporal: considerações a partir da teoria sociológica de Pierre Bourdieu. **Problemata**, v. 9, n. 2, p. 283–293, 2018.

JODELET, Denise. Ciências sociais e representações: estudo dos fenômenos representativos e processos sociais, do local ao global. **Sociedade e Estado**, v. 33, p. 423–442, 2018.

LEAL ADERALDO, A. M.; AQUINO, T. R.; SEVERINO, F. Aceleração, tempo social e cultura do consumo: notas sobre as (im)possibilidades no campo das experiências humanas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 18, n. 2, p. 365–376, 2020.

LIRA, A. G.; GANEN, A. P.; ALVARENGA, M. S. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 66, n. 3, p. 164–171, 2017.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane. Corpo, gênero e sexualidade: discussões. **Estudos Feministas**, v. 13, n. 1, p. 179–199, 2005.

NETO, Inácio Brandl; DE CAMPOS, Ivanir Glória. A influência da mídia sobre o ser humano na relação com o corpo e a autoimagem de adolescentes. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 9, n. 17, p. 87–99, 2010.

NOGUEIRA, Karine; DI GRILLO, Marcelo. Teoria das representações sociais: história, processos e abordagens. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. e146996756, 2020.

OMS. **Health for the world's adolescents**: a second chance in the second decade. Geneva: World Health Organization, 2017.

PORCHAT, Patrícia. O corpo: entre o sofrimento e a criatividade. **Revista EPOS**, v. 5, n. 1, p. 112–130, 2014.

SANDER, Jardel. Corpo-dispositivo: cultura, subjetividade e criação artística. **ArtCultura**, v. 13, n. 23, p. 129–142, 2011.

SANTANA, J.; CHAMON, C.; CAMARINI, R. Estudos em representações sociais: discussões metodológicas e aplicação na área da educação. **Teoria e Prática**, v. 35, n. 69, p. e40, 2025.

SILVA, Cristiane Vanessa da. Corpo, sentido e identidade pela hermenêutica de David Le Breton. **Lumen et Virtus**, v. 16, n. 50, p. 8188–8203, 2025.

SILVA, Grazielle Roberta Freitas et al. Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa. **Brazilian Journal of Nursing**, v. 5, n. 2, p. 246–257, 2006.

SILVA, J. P.; CAMARGO, B. V.; SCHLOSSER, A. Representações sociais e práticas corporais: influências do padrão de beleza. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 73, n. 3, p. 233–247, 2021.

SILVA, L. P. Construção imagético-discursiva da beleza corporal em mídias sociais:

repercussões na percepção sobre o corpo e o comer dos seguidores. **Demetra: Alimentação, Nutrição e Saúde**, v. 13, n. 2, p. 395–411, 2018.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação do corpo: apontamentos para a historicidade de uma noção. **Educar em Revista**, v. 37, p. e76507, 2021.

VIGARELLO, Georges. A história e os modelos do corpo. **Pro-posições**, v. 14, n. 2, p. 21–29, 2003.

APÊNDICE 1**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU****Faculdade de Ciências****TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)**

Bauru, _____ de _____ de 2025.

Eu Larissa de Oliveira Martins, graduanda do curso de licenciatura em Educação Física sob orientação da professora Lílian Aparecida Ferreira do curso de Educação Física da UNESP/Bauru, convido você a participar do estudo: A representação social de corpo entre estudantes e sua relação com a não participação nas aulas de Educação Física. Informamos que seu pai/mãe ou responsável legal permitiu a sua participação. Pretendemos identificar as representações sociais de corpo na relação com a participação dos estudantes nas aulas de Educação Física. Gostaríamos muito de contar com você, mas você não é obrigado a participar e não tem problema se desistir. A pesquisa será feita na escola, onde os participantes participarão de entrevistas individuais, com um roteiro de perguntas. A entrevista será gravada através de áudio para transcrição e análise dos dados. Caso aconteça algo errado, você, seus pais ou responsáveis podem nos procurar pelos contatos que estão no final do texto. A sua participação é importante para obter mais dados sobre o assunto que poderão ajudar na identificação de ações mais adequadas para as aulas. As suas informações ficarão sob sigilo, ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão apresentados na faculdade e em eventos acadêmicos, mas sem identificar os participantes.

Eu _____ (nome completo) aceito participar da pesquisa. Entendi o que irá acontecer. Entendi também que posso dizer “não” ou “sim” e participar. Mesmo dizendo sim, poderei, a

qualquer momento, dizer “não” e desistir e isso não vai deixar ninguém chateado comigo. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Bauru , ____de ____de 2025.

Assinatura do menor
responsável

Assinatura do pesquisador

Larissa De Oliveira Martins



Documento assinado digitalmente

LILIAN APARECIDA FERREIRA

Data: 07/12/2025 17:30:53-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Lilian Aparecida Ferreira